

MACIEL, Betania. *Mulher e ciência: Questões e problemas da inserção feminina na pesquisa científica identificados pela "Agenda Setting" de dois periódicos científicos internacionais*. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, 2002. (Tese de Doutorado)

A tese versa sobre um assunto raro e original na pesquisa não só de gênero como também de ciência. Aborda a raridade da questão da participação da mulher na ciência, que se constitui hoje um dos grandes debates dentro da análise e reflexão da ciência como método institucionalizado de compreensão do mundo, uma vez que dificulta o acesso e a participação de uma parte importante da humanidade na aventura científica. Betânia argumenta em sua tese que do ponto de vista da história da ciência, pode-se observar que a tradição dos maiores descobrimentos e avanços científicos são atribuídos em sua grande maioria ao papel masculino, enquanto a participação das mulheres não foi considerada importante de ser relatada, ou em outras palavras, foi esquecida. Este esquecimento constitui uma lacuna importante no relato histórico que a ciência protagonizou. Na introdução de seu trabalho a autora argumenta que :

Existe um pensamento generalizado de que não houve um número significativo de mulheres no mundo científico. Em toda história da humanidade, os grandes descobrimentos sempre ficaram a cabo dos homens. As mulheres nunca foram protagonistas das grandes invenções. Poucas mulheres são reconhecidas, mundialmente, como por exemplo, Madame Curie. Podemos constatar na prática que o acesso das mulheres às posições científicas precisa ser realçado. Este destaque é dado, apenas, ao homem. Assim através da história, a ciência tem uma imagem especificamente masculina.

* Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

A primeira parte da pesquisa trata do cenário da realidade feminina levando em consideração um histórico, o feminismo e o sufragismo, assim como uma breve passagem pelas modalidades românticas e clássicas, enriquecida com curiosidades e com uma questão interessante que a autora coloca: Mulheres cientistas: : uma afirmação da diferença?

Na segunda parte, se inicia outra questão: Porque existem tão poucas mulheres cientistas? Esta pergunta é o resultado de pesquisa desenvolvida na internet, com coletas de depoimentos, entrevistas e questionários. Neste ponto do trabalho está presente uma originalidade forte, uma vez que essa população de mulheres brasileiras e espanholas foi denominada pela autora de Conexão Brasil-Espanha. Constatam também entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com cientistas dos principais projetos de pesquisa do Brasil e da Espanha, identificados a partir da literatura. O sexto capítulo trata de expor os procedimentos analíticos realizados para a obtenção da busca dos resultados. No sétimo capítulo, em gráficos e tabelas, há o mapeamento do conhecimento obtido, análise das notícias e artigos relativos a esta questão, publicados nas revistas *Science* e *Nature*, nos anos de 1993, 1996 e 1999. Foi também feito o mapeamento do conhecimento obtido nas duas partes da tese, objetivando a verificação dos temas e questões recorrentes detectados pela análise de conteúdo, visando a repercussão no universo das mulheres cientistas brasileiras e espanholas.

Uma das conclusões é a respeito do ponto de vista epistemológico, em que a ciência se vê empobrecida ao omitir os enfoques e contribuições realizadas por mulheres e que repercutiriam nos desenvolvimentos profissionais. Também é abordado o estudo da história da ciência, sob o aspecto de gênero. Um aspecto importante a ser destacado no trabalho é a escolha da Espanha, país onde foi realizada a pesquisa, devido à similaridade que comporta em relação ao Brasil no que tange à participação das mulheres na sociedade em geral. Apesar dessa produção ter crescido nos últimos anos, de maneira impressionante, sobretudo por causa das organizações de seminários, institutos universitários e centros de investigação sobre a mulher, surgidos na maioria dentro das universidades, na década de 70. O desenvolvimento é menor em torno das consideradas ciências "duras", como física, matemática e química, considerando que as notícias são concretas, embora o número de pesquisadoras e pesquisadores, assim como os trabalhos dedicados à área de relações de gênero e ciência tenha aumentado.

No itinerário percorrido com os espaços, dos tempos e das idéias

da história da ciência, é importante levar em consideração que qualquer desvio da distribuição média estatística que estabelece um equilíbrio entre o número de homens e mulheres na população encerra uma característica a analisar e que também as ausências manifestadas possuem contribuições significativas ao conhecimento histórico. Um dado muito interessante é a apresentação de datas marcantes na conquista feminina.

Resta-nos agora aguardar a publicação trabalho para podermos verificar todos os detalhes apresentados pela autora, assim como termos mais um crédito no trabalho científico das mulheres.

OLIVEIRA, Luciene Setta de. *De onde tecl@s? Um estudo de caso dos sites de relacionamento*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003. (Dissertação de Mestrado)

Trata-se de uma dissertação de mestrado que se identifica – poderíamos dizer que se associa – com a sua própria pesquisa. Numa postura inicial, diria que se trata de uma pesquisa feita durante os anos de 2000 a 2002 sobre sites de relacionamentos virtuais na internet e que, em princípio, a autora não estaria envolvida com as pretensões e dimensões teórico/metodológicas de uma dissertação/tese de mestrado. A própria autora diz à página 73, quando se refere aos estudos de caso virtuais, e citando o metodólogo Howard Becker, que ela acabou se identificando com o método da observação participante, acrescido de entrevistas, e afirma: “Os trabalhos acadêmicos sobre sites de relacionamento ainda são escassos e os métodos de observação e análise ainda são incipientes.” Assim, meio que surpreendida com os resultados de sua pesquisa, resolve alçar vãos mais altos e transforma seus dados empíricos – ricos e surpreendentes – em dissertação de mestrado, provocando-se a responder questões mais abrangentes dentro do campo da psicologia social e da comunicação.

Pergunta-se então: qual seria a hipótese mais viável e pertinente de sua dissertação? Numa primeira resposta, seriam os sites de relacionamento virtual na internet como lugares novos, tecnológicos e assépticos, onde narcisos sempre carentes (supostamente mais os homens) se expõem, em busca de suas próprias afirmações. Em seguida a autora explora a idéia do não-lugar a serviço do não-corpo, na medida em que, se o mundo é virtual, se tudo está na linha do poder ser, o site não se realiza propriamente como um lugar. Seria mais um sítio de imaginações do que propriamente um sítio/lugar, como nossos colegas portugueses o falam e pensam. E, se os contatos corporais são, em princípio, evitados e mesmo protegidos, os corpos dos usuários e navegadores seriam corpos imateriais

*Professor do IESB-UnB

e, portanto, corpos que não seriam corpos, corpos que não se cruzam, corpos que não se tocam verdadeiramente. E, deixando um pouco de lado aqueles usuários dos sites que acabam indo à luta, ao encontro físico com seus parceiros – anteriormente só virtuais –, a hipótese acaba se confirmando, esse novo tipo de relacionamento afetivo e sexual acaba funcionando como um lugar “diferente” do amor... Teriam razão os advogados que se preocupam com as traições domésticas?

Indagações e respostas um tanto ou quanto similares havia buscado o grupo de pesquisa da UnB – Faculdade de Comunicação, composto pelos hoje jornalistas Lara Haje, Gustavo Novo, Bárbara Semerene e Maíra Attuch e pelo sociólogo Rogério Giugliano, e coordenado pelo professor Sérgio Dayrell Porto, quando estudou os chats eróticos na internet, em pesquisa feita sob os auspícios do CNPq, resultando daí o livro *Sexo, Afeto e Era Tecnológica*, lançado pela Editora da UnB, em 1999. A comparação é inevitável, na medida em que os temas se tocam, e durante os anos de 1997 e 1999 alguns de seus autores, Sérgio Porto e Luciene Setta, se corresponderam, resultando daí uma entrevista feita por Luciene e publicada no site Cadê. Recentemente, o mesmo professor fez parte da banca examinadora da dissertação *De onde tecl@As?*, defendida publicamente pela atual mestre em psicologia social, Luciene Setta. A tese foi dirigida pela pesquisadora e psicanalista Regina Glória Nunes Andrade, professora da Uerj.

Muito embora sejam trabalhos de pretensões e escopos diferentes, não nos custa nada fazer o jogo das comparações e das distinções: se de um lado existem relacionamentos virtuais na internet e de outro chats (salões de entretenimento) eróticos, vemos e analisamos uma pesquisa e também uma tese de mestrado antecedida de pesquisa de campo, com resultados empíricos de grande significância.

A internet proporciona oportunidades ímpares de relacionamento afetivo e sexual a seus usuários e navegadores, sem que para isso haja o risco do contato e do contágio corporais, sem que para isso haja a implicação de compromissos morais e afetivos de maior vulto. É como se respondêssemos à oferta: faça sexo sem sair de casa!

No entanto, a tese de Luciene Setta difere da pesquisa do grupo da Universidade de Brasília, pelas intenções e pelos resultados obtidos: no caso de Luciene, ela consegue um impressionante estudo de caso de como as pessoas se relacionam na internet, movidos a narciso, permanecendo

fiel a seu campo de análise da psicologia individual e social.

No caso do grupo da UnB, sem pretender a tese, buscou-se diferenciar as ordens discursivas à maneira de Michel Foucault, o trabalho se mantendo mais dentro dos limites da análise de discurso, um campo misto onde interagem a lingüística, a comunicação, a história, a ideologia e a psicanálise. Em Brasília chegou-se à conclusão que as ordens real (atual) e virtual funcionam como se fossem as mesmas, os princípios morais e ideológicos que regem o sexo da vida de cada dia e o sexo virtual são do mesmo naipe e ordem. Os interditos permanecem, e a internet não conseguiu assim liberar o seu usuário das ordens e ditames da sociedade em que vive. Por exemplo, um pecado mortal, tanto no dia-a-dia quanto na virtualidade, é a postura moral do homem casado que deseja fazer novas conquistas. A rejeição é de praticamente 100%. Sinal de que, lá e cá, a ordem permanece.

Quanto ao trabalho de Luciene Setta, ela realiza uma dissertação no campo da psicologia social, explora Freud e narciso, vê como os usuários, principalmente os homens, buscam na internet um campo perene de auto-realização, o que é um tanto quanto impossível no campo da realidade cotidiana, onde os narcisos sofrem as mais diversas contestações. Ela diz e comenta como os perfis editados e publicados nos sites de relacionamento (Como Vai, Par Perfeito, Fica Comigo, Superencontros, Almas Gêmeas e outros) funcionam como agentes de promoção de narcisos e que, em uma certa medida, se dariam por satisfeitos somente com essa publicidade de si mesmos. E comenta que esse processo publicitário de autopromoção, em determinados casos, permanece em exposição por um período até de dois anos...

Uma dissertação escrita do lugar mulher? Ou apenas um jogo de gêneros?

Pelos exemplos citados na dissertação, em que parece que só os homens são exemplos nos textos de correspondências citadas pela autora, a dissertação poderia passar uma idéia de que a mulher usaria pouco a internet, ou que estaria ali meio a contragosto, ou que o seu imaginário não se prestaria tanto às características que predominam nos sites de relacionamento. Nesse sentido, a dissertação poderia até parecer machista às avessas ou politicamente incorreta. Narcisos seriam apenas os homens? Para reforçar essa idéia, as entrevistas com as coordenadoras dos sites, todas mulheres, e boa parte atuando em psicologia clínica.

Pode-se perguntar: afinal, o homem é que está em jogo, como objeto de estudo e, como tal, narciso eternamente carente de mais e mais exposições e afirmações? E aí os sites de relacionamento são fruto de uma produção da mulher, uma verdadeira operação de gênero, numa explícita guerra dos sexos, ou tudo não passa de impressões de viagem de navegação? Um exemplo dessa suposição seria a e entrevista que Luciene Setta faz com Miriam Dobrow, sócia do site Como Vai.

Dando seqüência a essas indagações, que são mais suposições, ou até provocações, se o sujeito conectivo (e não coletivo, massivo, que é uma das propostas da tese) – que mais parece ser somente o homem – não passa de um narciso, que se expõe cada vez mais, para que possa brilhar diante das navegadoras da rede, e que se satisfaz com a simples exposição de seu texto, de seu próprio brilho, e que não está mesmo muito a fim de respostas e de trocas com a outra, por que continuar a expor-se diante desse videogame, em que se procura para não achar, conforme explicita Luciene Setta?

Na pesquisa feita pelo grupo de Brasília, já citado acima, o que se comentou foi que se estava levando essas questões dos salões de bate-papo na internet muito a sério e que tudo não passava de um vasto campo de exposição, um farto salão de entretenimento. Tudo não passava de um jogo.

Saimos da era da coletividade e entregamos na era da conectividade. Estamos diante de um novo conceito de subjetividade?

Podendo também ser essa uma hipótese da dissertação, o trabalho revelando, mais do que nos chats eróticos, que o sujeito conectivo (próprio dos sites de relacionamento virtual) não passa de um trampolim para a permanência do tradicional sujeito massivo. Uma nova astúcia do mesmo sujeito de sempre, escondido atrás das máquinas de computadores e de sua rede mundial. Os diálogos são os mesmos de sempre, os valores também, a ordem discursiva não muda do sujeito massivo para o sujeito conectivo. Por exemplo, ser casado ou não ser casado permanece sempre o tabu de sempre. A rejeição é total, tanto na virtualidade quanto na atualidade.

Em entrevista feita com um dos usuários casados, ele recebeu no site Almas Gêmeas a seguinte resposta em relação a aos termos de seu perfil: imperdoável você ser casado. Assim, essa pretensa nova subjetividade sequer inaugurou uma nova ordem paradigmática de valores morais. Afinal, o jogo é mais de mentirinha mesmo, pois não somos nós que lá estamos nos sites de relacionamento, e também nos chats, são os nos-

sos clones morais, as nossas caricaturas e simulacros, não é por menos que nos identificamos através de senhas e de *logins* – *users names*, nomes que são nomes verdadeiros, são apenas nomes de uso... nomes de guerra...

A tese de Luciene Setta, graduada em Comunicação Social (Relações Públicas e Jornalismo), foi aprovada por unanimidade pela banca examinadora e recomendada a sua publicação. Ela traz uma pesquisa de um mundo que não conhecemos ou que só ouvimos dizer que existe. É isso aí. Um mundo chamado virtual, que não é o atual ou real, se assim o desejarmos.

SANTOS, Rafael José dos. *Um percurso da mundialização: publicidade e publicitários no Brasil no curto Século XX*. São Paulo: Pós-Graduação Multimeios da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2003, orientador: Prof. Dr. Renato Ortiz. (Tese de Doutorado).

As agências de publicidade que obtiveram as três maiores receitas no Brasil no ano de 2001, segundo a revista *Meio & Mensagem*, foram McCann-Erickson Brasil, Grupo JWT e Grupo Ogilvy. As três empresas são organizações de capital globalizado. Este é um dado sintomático; ele nos remete ao fato que, a partir da década de 1980 um intenso movimento de fusões e incorporações propiciou a formação das grandes redes globais de mensagens publicitárias.

Os novos publicitários, denominados por Renato Ortiz em *Mundialização e Cultura* (Ed. Brasiliense, 1994) como “artífices mundiais de cultura” produzem descentralizadamente um fluxo transnacional de mensagens persuasivas que extrapolam os limites das interações entre sociedades e atravessam culturas nacionais. Nestes novos contornos do fazer publicitário não se pode mais, a rigor, em muitos casos, falar em empresas com matriz e filiais, nem em mensagens totalizadoras impostas a partir de um único centro; mas sim, deve-se pensar em uma transversalidade que estabelece os contornos de uma cultura a partir de um conjunto de símbolos e referências culturais reconhecidas internacionalmente.

Ou seja, no final do “curto século XX” (expressão cunhada por Eric Hobsbawm para designar o século XX como aquele que teria sua abrangência entre a Primeira Guerra Mundial e colapso da URSS) as grandes agências de publicidade são, muitas vezes, empresas transnacionais produzindo mensagens de alcance cultural mundial.

Neste cenário de comunicação publicitária global, o tema proposto por Rafael José dos Santos – a história e os primeiros passos desta transnacionalização das agências de publicidade atuantes no Brasil, se

* Professora da Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo- UMESP.

impõe como mais do que oportuno.

A Psicanálise nos ensina que a criança é o pai do adulto, mas que é preciso olhar o adulto para saber quais traços de sua infância foram os decisivos para sua conformação enquanto adulto. Ou seja, a criança é sempre o pai do adulto, mas esta é uma observação cuja explicitação total só pode ser feita *a posteriori*, ou seja, a partir do adulto.

Tomando esta anotação psicanalítica como ponto de comparação pode-se dizer que, ao final do século XX, observando-se a transnacionalização das grandes agências de publicidade como um cenário consolidado pode-se lançar um olhar retrospectivo e buscar, sem mecanicismos ou determinismos rígidos, os primeiros passos desta transnacionalização. Esses primeiros passos estão na expansão mundial das grandes agências americanas logo após a Primeira Grande Guerra. A J.W. Thompson começa a atuar no Brasil em 1929, a McCann Erickson em 1935 e a Grant em 1939. Os primeiros procedimentos destas empresas no Brasil foram, basicamente, trazer apelos locais para anúncios produzidos nos EUA.

A tese de doutorado de Rafael José dos Santos narra a história da publicidade no Brasil e sua transnacionalização de 1920 a 1990 “em bases de documentos que refletem as visões dos atores sociais”, no caso, os publicitários. No primeiro capítulo o autor investiga a chegada das primeiras agências publicitárias norte-americanas no Brasil, concentrando-se na J.W. Thompson e através de documentos internos da empresa (como atas de reuniões, informativos internos) desnuda não só as estratégias empresárias como também toda uma gama de atitudes desinformadas e/ou preconceituosas e visões estereotipadas sobre o Brasil e os brasileiros.

Neste sentido encontram-se “pérolas” como um relatório de um publicitário que afirma: “Uma das maiores limitações do mercado brasileiro é que a maioria de seu povo é muito pobre, ignorante e preguiçosa. (...) O clima enervante também exerce uma forte influência”.

Reclamações sobre a burocracia brasileira e a falta de entendimento do que é a atividade publicitária são “o tom” do relato de Maxwell Kennard que instalou o primeiro escritório da J.W. Thompson em São Paulo: “Para estabelecer a firma em nosso próprio nome é necessário solicitar permissão ao Presidente do Brasil (...) As formalidades e exigências legais deste procedimento são muito divertidas”; “Em nossos contatos preliminares com os jornais importantes fomos recebidos com todas as pompas de reis e príncipes; mas quando surgiu o assunto da

circulação fomos gravemente assegurados que tais questões eram “segredos profissionais!”.

Os capítulos seguintes enfocam em sequência cronológica a atuação das agências publicitárias estrangeiras no mercado brasileiro, relacionando esta atuação com a expansão do rádio e da televisão - novos espaços de inserção de mensagens publicitárias.

Ao lermos este rico trabalho é preciso termos no horizonte que a publicidade é, como nota Rafael Santos, ao mesmo tempo, espelho e agente do longo processo de globalização cultural e que estudar a publicidade é pois estudar em um objeto concreto a constituição da modernidade globalizada no Brasil.